[318]

Cabeça de economista

José Eli da Veiga

Valor – sexta, 28 de abril de 2023, p. A17

Sendo simpatizante do **VALOR**, é altamente provável que você esteja cercado de economistas por todos os lados. Também é quase certeza que você se faça muitas perguntas sobre a intrigante mentalidade (*mindset*) que lhes é peculiar. Se for um deles, só encontrará respostas a partir de profunda e exitosa psicanálise.

No entanto, dizem que a maior parte dos economistas nem acredita no que teria aprendido. E não resta dúvida de que são vítimas do mito segundo o qual os cursos de graduação poderiam formar pessoas capazes de entender o tão misterioso "sistema adaptativo complexo", batizado de economia.

É cada vez maior a divergência entre o ensino e a pesquisa econômica. Quem melhor explica esta histórica bifurcação é o professor David Colander, autor de um manual de Microeconomia, de 1.161 páginas, que já chegou à sua 11ª edição. Mas cujas muitas publicações sobre a cabeça do economista parecem ter sido banidas por aqui.

A boa notícia é que não faltam esforços para superar tamanha desventura. Foi o que mostraram as três excelentes matérias da repórter de Lucianne Carneiro, estampadas na página A12 do ***Valor*** do último dia 11: currículos mais flexíveis, ênfase em ciência de dados, aprendizagem de máquinas e aulas práticas com mais tecnologia.

São semelhantes as citadas reformas de meia dúzia de bacharelados em economia: FEA-USP, FGV, Insper, PUC-Rio, UFRJ e Unicamp. As disciplinas obrigatórias ficam ainda mais concentradas nos dois primeiros anos, seguidos de liberdade ampliada em optativas, inclusive de outros cursos de graduação.

O que mais varia são as assim chamadas "trilhas", à escolha do freguês. Na PUC-Rio são três: Economia Aplicada, Finanças e Macro. Na FGV, outras três: Micro Aplicada, Macro e Economia Política. A FEA-USP ainda hesita sobre quais poderiam ser, ante a tremenda mingua de docentes: só 50 contra 130 em seu auge! Mesmo assim, Desenvolvimento Sustentável talvez possa vir a ser uma delas.

Tamanha modernização resulta, certamente, de decisivo esforço comunitário global, iniciado em 2013, com a missão de radicalmente transformar o ensino da economia, de modo a contribuir para um mundo mais democrático, justo e sustentável. Este é o CORE: "Curriculum Open-access Resources in Economics" (www.core-econ.org).

Mais de 390 cursos aderentes seguem o modelo "CORE-Econ", dos quais uns 70% também já adotaram seu manual introdutório – de download gratuito - com apenas 2.268 páginas: "***The Economy – Economics for a Changing World***". Vários abnegados voluntários enfrentam a hercúlea tarefa de traduzi-lo, sob coordenação do IPEA.

O livro é consagrado às evidências sobre a economia do mundo todo e da história. Como disciplina, a economia é definida em contexto social, político e ético, no qual são

determinantes essenciais as instituições. A diretriz central é primeiro fazer perguntas interessantes e depois introduzir modelos que ajudem a respondê-las.

Aos professores, três são os conselhos essenciais do CORE: a) comece com uma pergunta e observe as evidências; b) elabore um modelo que ajude a entender o que vê; c) avalie criticamente o modelo, verificando se ele chega a dar conta da questão, explicando as evidências.

O CORE é um empreendimento subversivo, pois luta contra a mera repetição dos insuportáveis livros-texto, todos obsoletos desde a primeira edição. É impossível que incorporem a abundância de novas descobertas, que não param de brotar, em revistas acadêmicas consagradas ao crescimento, às desigualdades, à globalização, à história, à inovação, à instabilidade, ao meio ambiente ou às políticas públicas.

Graças ao CORE, pode-se ter esperança de que aumente o número de bacharéis em economia que consigam se libertar da camisa de força cognitiva imposta pela pesada inércia mental de seus instrutores. É presumível que, no futuro, até se venha a constatar que a maioria dos economistas passou a venerar o que apreendeu.

Deixarão de ser tão somente 15% os graduados que acreditam no pensamento econômico e 1% os enquadráveis na categoria "economista por natureza" – segundo as estimativas da iluminada mente de Deirdre McCloskey, que, há um ano, ocupa aquele espaço semanal da ***Folha de S. Paulo*** que havia sido de Delfim Netto, desde 1986.

É imperdível a sua crônica, de três páginas - "The Natural" - (ainda com o prenome Donald) no ***Eastern Economic Journal*** (1992, vol.18, nº 2, p. 237-9). Declara ser impossível ensinar economia aos graduandos. No máximo se ensina 'sobre' economia. Tanto quanto o ensino do curso de Letras é sobre literatura, sem formar escritores.

McCloskey confessa que foi só depois de estudar economia por nove anos - aos 28 - que descobriu que os preços constituem apenas um dos três sistemas de alocação, bem mais vantajoso que seus dois concorrentes: a violência e a fila.

Não poderia imaginar que a primeira mulher a receber o prêmio Nobel de Economia – dezessete anos depois – seria, justamente, quem melhor demonstrou que tais sistemas são mais de três: a cientista política Elinor Ostrom (1933-2012).

José Eli da Veiga, professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP, acaba de lançar o livro *O Antropoceno e as Humanidades* (Editora 34): www.zeeli.pro.br